

O ‘JORNALÊS’ NOS JORNAIS DE REFERÊNCIA.

Mário Pinto - *Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, UFP*
Professor Auxiliar

ABSTRACT

Some journalistic texts present irrepressible construction and unequalled rigour – though their immediate objective is the mere transmission of news – as their form effectively reflects the content, thus making it wholly intelligible. In addition, beyond this immediate objective, they are enjoyable piece of works. However, others show several anomalies, which make them almost unintelligible. As they are in essence conceived without diligence, they reflect some laxity in phrasal construction, which show several defects (errors of agreement between the main phrasal components, ambiguities and doubtful clichés). These cases appear in quality newspapers, which, *ipso facto*, have increased responsibilities.

RESUMO

A par de textos jornalísticos de irrepreensível construção e inegável rigor – mesmo quando o objectivo imediato é a mera veiculação da notícia –, cuja forma serve de modo tão eficiente o conteúdo, que torna perfeitamente inteligível, e que, excedendo este objectivo imediato, se mostram peças de agradável fruição, existem outros que, porque portadores de anomalias várias, são quase ininteligíveis. E, no essencial, por não ter havido na sua concepção o exigível empenho: pelo contrário, o que neles impera é um certo laxismo na construção frásica, em que pontificam os mais inimagináveis vícios (das faltas de concordância entre as principais componentes frásicas às anfibologias e duvidosos clichés). Tudo isto em jornais de referência que, *ipso facto*, têm responsabilidades acrescidas.

Numa sociedade como a actual, com propriedade designada da ‘informação’, não pode deixar de constituir intrigante paradoxo que o alucinante ritmo de vida que lhe é peculiar reserve tão escasso tempo para a satisfação de uma das necessidades básicas do cidadão coevo que é a de se sentir/estar informado. Porém, o que na realidade acontece é ser justamente essa vertigem a que o quotidiano se processa – que, debela mas não erradica a ânsia idiossincrásica de informação – a primeira responsável por muitos se conformarem com o consumo de uma informação *prêt-à-porter*, seja nos intercalares radiofónicos seja nos *flashes* noticiosos televisivos.

Informação que dados os condicionalismos em que é obtida – amiúde no rádio da viatura aquando da deslocação para o local de trabalho, portanto, concomitante de uma outra tarefa (a condução) a requerer maior concentração – é *ab initio* prejudicada em virtude de, devido a essa dispersão da atenção, só ser captada em fragmentos (podendo, em situações extremas, chegar inclusive deturpada).

Não menos afectada é a leitura do jornal, por imperativos pessoais/laborais protelada para o fim do dia, após o regresso a casa, regra geral coincidente com a hora do telejornal, cuja concorrência sofre (e que não raro quase a inviabiliza), ao que acresce a menor predisposição, resultante do desgaste físico/psicológico decorrente de um dia de trabalho, e que assim se vê cerceada das melhores condições para ser levada a cabo.

Há, no entanto, quem, não obstante vítima dos mesmos condicionalismos, não prescindia do ritual da consulta da informação escrita – “A rádio conta, a televisão mostra, o jornal explica” –, nas suas múltiplas vertentes (estilos e géneros) nem abdique da fruição de textos/‘iguarias’ que, ultrapassando os limites estritos da dimensão informativa, propiciam momentos de genuíno deleite só ao alcance da confecção de verdadeiros *maîtres*. Matéria que felizmente não escasseia nos corpos redactoriais da imprensa diária e hebdomadária (nem entre os excelentes colaboradores que escrevem nesses periódicos). Do que resulta ser, de facto, significativa a percentagem de textos que levam a recorrentes pausas quer

100 para reflectir sobre o que se acabou de ler quer para melhor saborear os ‘condimentos’ (a forma) com que essas iguarias (informação/opinião) foram servidas.

Aliás, é justamente este estilo, o opinativo, que, ao viabilizar tão caleidoscópico comentário dos factos – tal a panóplia de prismas de abordagem consentida – mais contribui para a correcta (e poliédrica) contextualização dos mesmos. Com efeito, é aqui que, por norma, encontramos textos que ao aliarem à precisão e exactidão inquestionáveis da linguagem uma leve erudição e uma concisão semântica baseada em condensadores, conseguem notável economia expressiva sem perderem força literária e criativa, tornando assim as ‘histórias’ interessantes.

O que, num outro registo, é outrossim possível no estilo informativo propriamente dito: também neste domínio a regra é encontrarmos textos em que, sem se abandonar o rigor imprescindível (e inerente) ao discurso jornalístico, contar bem a ‘história’ se revela desiderato de imediata consecução, visto ser utilizada uma redacção clara, precisa, inteligível, fórmula que, ao viabilizar uma recepção perfeita e atractiva, aumenta a legibilidade dos textos e, *ipso facto*, a obtenção de produtos de mais fácil ‘digestão’. Textos esses que estão nos antípodas de ‘pérolas’ como as a seguir reproduzidas, cuja descodificação é, pelas mais variadas razões – seja pela presença de anfibologias e tautologias, seja pela construção frásica incorrecta (em que se chega a afirmar o contrário do que se pretendia dizer) ou, ainda, pela selecção vocabular inadequada – dificultada quando não liminarmente inviabilizada:

Francamente irritado, Almerindo Marques não repara que o microfone está aberto e reclama furioso: «Os jornalistas só querem saber disto». **Abandona a conferência de imprensa da RTP sem antes deixar bem claro que é ele «que responde» a polémicas.**

Expresso, 21/6/2003, p. 13, RPL

E Ben Laden teria **metido a cabeça de fora**¹ da sua gruta (...) gritando e planeado novas ameaças.

Diário de Notícias, 22/12/2003, p. 9, LD.

Os seus argumentos **em defesa da falta de sorte** não são suficientes para compensar a desconfiança que geram as inexplicáveis alterações que introduz no onze-base (...). O quarteto defensivo madrilista é um desastre, **mal-grado**² os esforços titânicos de Helguera e Michel Salgado.

Expresso, 27/3/2004, p. 27, ALC.

A outra peça do *puzzle* já colocada é a da primeira vice-presidência, a política, cuja escolha recaiu, **sem maiores surpresas e bom acolhimento**, em Maria Teresa (...).

Diário de Notícias, 27/3/2004, p. 18, ML.

Despautérios estes só possíveis por as redacções albergarem, coabitando com os exímios profissionais a que antes aludimos, outros – uma espécie de ‘casta de párias’, como já foram chamados – responsáveis pelo sistemático aviltamento da língua tão recorrentes são os crimes de lesa-idioma por si perpetrados. Razão para nos questionarmos seriamente, num momento em que tão reiteradamente se fala de cruzadas (e nem sempre pelos melhores motivos), se não constituirá imprutelável tarefa empreender uma campanha profiláctica junto destes pseudojornalistas – porque apostados em denegrir o idioma pátrio, desvirtuando regras/normativas há muito estabelecidas e que constituem condição *sine qua non* para o seu correcto funcionamento, dando assim origem a um pretense dialecto, o *jornalês*, de todo em todo ininteligível – tendente a alertá-los, antes de mais, para as nefastas repercussões da sua actuação.

E isto porque, se o leitor detentor de uma formação académica de determinado nível, de imediato se apercebe dessas anomalias, do autêntico ‘idiomicídio’ em curso, o perigo reside em que outros, com diferente grau de instrução, possam acreditar estar perante alterações ditadas pelo fluir do tempo ou pela evolução natural na grafia dos vocábulos – legitimada, como *verbi gratia* acontece com certas monstruosidades, pelo *Novo Dicionário da Língua Portuguesa* – ou na construção frásica que (mimeticamente) venham a adoptar crendo assim estarem a actualizar-se. Mormente se estes exemplos forem encontrados, como na situação vertente acontece, nos designados jornais de referência³. Hipótese não tão despi-cienda quanto *a priori* possa parecer e para a qual, aliás, Pilar Diezhandino (1994, p. 165) adverte: “Otra cosa es la preocupación por la influencia que los medios de comunicación ejercen en el público, los efectos en el mal uso de la lengua.”

O que remete para outra questão: a da responsabilidade do jornalista perante a comunidade em que se insere. Responsabilidade agravada pela circunstância de (e ao contrário do que se possa pensar) não consubstanciarem os exemplos trazidos à colação meras (e arreliantes) gralhas⁴ ou casos fortuitos (e circunscritos a um jornal), lapsos deploráveis que não podem ser invocados como representativos. Antes fosse. A realidade é, contudo, bem diferente, e o que deveria constituir excepção ameaça generalizar-se, tornar-se norma – concretizando as piores expectativas da autora (*id.*, p. 165), que postula: “(...) hay una gran diferencia entre características del lenguaje periodístico y errores del lenguaje periodístico, por más que los errores, por abundantes, terminen convirtiéndose en norma.” – por culpa só imputável ao laxismo de alguém que (desrespeitosa e ostensivamente) faz questão de ignorar destinar-se o que escreve a ser lido por quem compra o jornal (e que, indirectamente, assim lhe garante o salário).

Se o jornalista é momentaneamente assaltado pela dúvida (legítima) quanto à forma correcta de grafar determinado vocábulo (e quem não o terá ainda sido?), o senso comum aconselha a consulta de um dicionário (instrumento que não pode estar ausente da sua mesa de trabalho) antes de (e em vez de) errar. E com que inusitada frequência estes erros ocorrem, *verbi gratia* nas palavras derivadas por prefixação, mormente quando estão em causa os prefixos ‘anti’⁵, ‘semi’⁶ e ‘infra’⁷, como os exemplos a seguir testemunham:

(...) foi condenado na sexta-feira a cinco anos e três meses de prisão, em regime **semi-aberto**, por evasão fiscal.

Diário de Notícias, 6/7/2003, p. 27, s. a..

Dor de cabeça da luta anti-terrorista

O míssil **anti-aéreo** com lançador colocável no ombro, que pode ser accionado por um homem só e abater um avião comercial a média altitude, dá suores frios aos responsáveis da luta **anti-terrorista**, dado o número de exemplares em circulação no mercado negro e as recentes tentativas de atentados usando este armamento.

Diário de Notícias, 14/8/2003, p. 12, s. a..

Cinco novas piscinas no concelho

Está para breve a concretização do objectivo de construir uma infraestrutura

coberta em cada freguesia • Primeiro equipamento será na Senhora da Hora (...) sendo que a primeira destas **infraestruturas** destinadas ao lazer e ao desporto vai nascer na freguesia da Senhora da Hora, anunciou ontem fonte autárquica.

Diário de Notícias, 14/8/2003, p. 23, s. a..

Não são estes, no entanto, os únicos (nem sequer os piores) dislates com que os leitores – em particular os detentores de uma formação susceptível de lhes permitir fruir o que de melhor se escreve – se vêem confrontados. Lamentavelmente, vão mais longe as profundas ‘mutações’ de que a linguagem usada na Imprensa está a ser alvo/vítima,

102 avatar que passa, no essencial – para além dos erros de ortografia⁸ e abstraídas as sempre deploráveis gralhas, tão antigas como a própria Imprensa –, por pletora de ‘inovações’ em que pontificam:

1. NO DOMÍNIO FÓNICO-GRÁFICO

1.1. LAXISMO NA DIVISÃO SILÁBICA NA TRANSLINEAÇÃO:

Que será levado a pensar o leitor que raramente encontra na linha imediata (para onde parte do vocábulo passa) o segundo hífen que as normativas gramaticais tornam obrigatório, na translineação na divisão silábica, quando o vocábulo original já o tinha? Tratar-se de um erro ou, antes, ter caído em desuso? E já que aludimos à translineação, que pensará esse mesmo leitor ter acontecido às regras que regulavam a divisão silábica de certos grupos (consonânticos em particular) ao deparar com exemplos como os que se seguem?

“(…) de ambos os municípios”, **sub-**
linhou o autarca, (…).

Jornal de Notícias, 29/6/2003, p. 28, NS.

(…) comum em todo o mundo), o **des-**
envolvimento de ferramentas (…)

Diário de Notícias, 2/8/2003, p. 22, sa.

Depois da frase “infeliz” de **Amí-**
lcar Theias, em que este associou (…).

Público, 18/8/2003, p. 8, HP.

(…) agora no Iraque? Para já, a **desi-**
gnação de um Conselho de Gover- (…).

Diário de Notícias, 3/8/2003, p. 12, MVL

(…) Independente (BMI), que **deco-**
rreu anteontem no Campo Mi- (…).

Jornal de Notícias, 28/3/2004, p. 16, AI.

2. NA VERTENTE MORFO-SINTÁCTICA

2.1. DESLOCAÇÃO DE COMPLEMENTOS:

(…) a crise na Casa da Música, que conheceu esta semana mais um desenvolvimento com a exoneração de todo o conselho de administração pelo ministro da Cultura, tem a sua origem mais remota **numa entrevista ao «Público» de Rui Amaral.**

Expresso, 28/6/2003, p. 16, JF/VC.

O encontro, para o qual foram convidados representantes de diversas organizações internacionais e **os coordenadores para o terrorismo dos EUA e Rússia**, foi convocado pelo ministro Martins da Cruz na qualidade de membro da tróica da presidência da OSCE.

Diário de Notícias, 6/8/2003, p. 18, EM.

Ainda não há uma explicação definitiva, mas **os especialistas em energia do Governo americano** têm uma teoria sobre o onde, o como e o porquê do “blackout” que deixou 50 milhões de pessoas às escuras na América do Norte.

Público, 18/8/2003, p. 19, PR.

Segundo a AFP, o banco tem um cartaz afixado à porta, pedindo aos clientes para **retirarem o chapéu ou algo que cubra a cabeça por medidas de segurança**.

Diário de Notícias, 27/12/2003, p. 18, s. a.

2.2. FALTA DE CONCORDÂNCIA ENTRE SUJEITO E PREDICADO:

(...) que, segundo afirmou Pedroso no interrogatório, foi uma das pessoas que **alertou** Ferro Rodrigues.

Expresso, 31/5/2003, p. 8, APA.

As temperaturas que se mantêm desde há uma semana aproximam-se dos 40 graus, provocando importantes picos de poluição que conduziram as autoridades a reduzirem em 20 quilómetros as velocidades máximas autorizadas (...). **Os serviços de meteorologia anunciou** que até ao fim da semana as temperaturas podem mesmo aumentar.

Diário de Notícias, 6/8/2003, p. 22, AM.

Dados da UE, de 1998, indicam que 12,7% dos trabalhadores por conta de outrem **tem** um contrato a termo certo.

Diário de Notícias, 21/12/2003, p. 21, s. a.

Este gosto pelo desporto foi, aliás, um dos motivos que o **levou** a inscrever-se na Academia Militar, (...).

Expresso, 27/3/2004, p. 11, VM.

2.3. CONSTRUÇÕES INCORRECTAS, PORTADORAS DE ANOMALIAS VÁRIAS:

A propósito do lançamento do seu último livro, *Ensaio sobre a Lucidez*, o escritor multiplicou, em sucessivas entrevistas, um apelo a que a sua ficção se **tornasse** realidade e que **haja** uma maioria de eleitores a votarem em branco.

Expresso, 27/3/2004, p. 7, JAL.

Nas suas mais recentes intervenções, Durão Barroso tem arranjado maneira de introduzir a questão, **seja** na entrevista que na semana passada deu à RTP, onde garantiu ter genuínas preocupações sociais, **quer**, esta semana, na Assembleia da República (...).

Expresso, 27/3/2004, p. 9, AS.

E acresce que, tendo o Congresso de Oliveira de Azeméis sido antecipado, está irremediavelmente afastada qualquer hipótese **do** ministro responsável pelo Euro-2004 abandonar o Governo, **a escassas semanas antes**⁹ do maior acontecimento desportivo jamais organizado em Portugal, para ficar apenas com a titularidade da secretaria-geral. A estas razões junta-se ainda uma outra: o facto de o financiamento dos partidos ter deixado de ser privado para ser estritamente público, **que retira margem**¹⁰ aos críticos da acumulação.

Expresso, 27/3/2004, p. 16, SR.

Eram em nome desta médica, que faleceu já no decorrer das investigações, em 2003, que estavam alguns dos atestados falsos encontrados, os quais tinham inclusive a vinheta com o código de barras que a identificava como médica.

Expresso, 27/3/2004, p. 20, GR/VM.

Para Soares, **os socialistas aqui têm** alguma responsabilidade, por não terem aproveitado (...). Soares aproveitou a oportunidade **para se apontar** a recente vitória do socialista José Luís Zapatero em Espanha como sinal positivo na conjuntura internacional.

Diário de Notícias, 27/3/2004, p. 4, MHE.

(...) ser esta a altura certa para o partido apresentar resultados, até porque, disse, “todas as promessas foram cumpridas”, **algo que «outras forças partidárias não poderão dizer o mesmo»**.

Diário de Notícias, 27/3/2004, p. 6, HM.

O historiador José Freire Antunes sustentou que a desconfiança política entre os dois países foi invertida pelo Governo chefiado por Sá Carneiro, **afirmou Freire Antunes** ao falar sobre o seu mais recente livro, *Os Espanhóis e Portugal*, (...).

Diário de Notícias, 27/3/2004, p. 6, AM.

O destino final das armas seria o contrabando, **até várias peças são materiais de uso apenas militar e policial**. (...) e **arriscam** uma moldura penal de dois a cinco anos. Uma condenação que **foi agravada** pelo facto de possuírem armas de fogo proibidas a civis.

Diário de Notícias, 27/3/2004, p. 22, HR.

(...) para arrombar um estabelecimento, **onde** conseguiram levar alguns telemóveis. Fonte da GNR, contactada pelo DN, confirmou que o posto de Valença, **recebeu uma chamada dando conta de que o assalto**. (...) Ou seja, «em zonas onde há estradas secundárias que lhes **permite** fugir com facilidade».

Diário de Notícias, 27/3/2004, p. 28, PJ.

Depois, surgem as alusões às empresas de inertes, concluindo não existir um nexo de **casualidade** e efeito entre **as queda** da ponte e **alegada** extracção desordenada de inertes. (...) em matéria de vigilância e conservação de obras de arte, **tendo “piorando** nas últimas décadas, até chegar ao ponto de nem se saber bem quem eram os organismos responsáveis (...)”.

Jornal de Notícias, 28/3/2004, p. 35, MV.

(...) o requerimento será endereçado ao presidente da Mesa da Assembleia, Pedro Xavier, para que **esteve convoque** uma reunião extraordinária, com um ponto de trabalhos: a destituição da actual Direcção.

Jornal de Notícias, 28/3/2004, Desporto, p. 5, JG.

2.4. USOS CONTESTADOS

Nos casos em que o verbo tem dois participios, um regular e outro irregular, ensina-nos a norma que a forma irregular se emprega nos tempos compostos com os auxiliares ‘ser’ e ‘estar’, e a forma regular é utilizada para a formação dos tempos compostos com os auxiliares ‘ter’ e ‘haver’. Mas será assim tão relevante a diferença, tão nefasta a troca? A resposta, cuja explicação deixamos à proficiência de Rodrigues Lapa (1979, p. 214), só pode ser categoricamente afirmativa:

Nos chamados participios irregulares (morto, aceso, ganho, gasto, salvo, etc.) a forma verbal cristalizou, por assim dizer, num adjectivo. Uma vez concluída a acção, surgiu um estado que necessita de ser definido por meio de um adjectivo verbal. Por isso se diz: “O homem está morto”. [...] são verdadeiros adjectivos que caracterizam o sujeito. Já se dissermos: “Têm matado todas as perdizes” – o participio regular dá-nos uma noção verbal, activa, do fenómeno realizado.

Diferença que o exemplo que se segue torna cristalina. No entanto, o Mestre vai ainda mais longe na explanação do seu pensamento e acrescenta: “Em resumo: com os participios irregulares exprimimos sobretudo o estado; com os regulares traduzimos a acção. Os primeiros têm um carácter parado, estático; os segundos são vivos e dinâmicos.”. É por demais evidente que, à luz desta teoria, no exemplo a seguir transcrito o participio “morto” perde todo o impacto da acção, esbate a vertente hedionda que o crime em si consubstancia e o participio “**matado**” traduziria em toda a sua crueza:

Eduardo José, de 40 anos, apresentou-se na terça-feira à noite numa esquadra da polícia de Barcelona para confessar que horas antes **tinha morto** a sua mulher com uma catana.

Diário de Notícias, 14/8/2003, p. 19, FB.

(...) que contesta a prisão preventiva aplicada como medida de coacção pelo juiz Rui Teixeira, magistrado **encarregue** do caso da rede de pedofilia da Casa Pia.

Diário de Notícias, 7/7/2003, p. 8, ARF.

3. NO ÂMBITO LÉXICO-SEMÂNTICO

3.1. SELECÇÃO VOCABULAR INADEQUADA:

(...) é utilizado para práticas sexuais ilícitas com menores, revelou ontem o semanário “Expresso”. Citando uma fonte ligada ao processo, o jornal adianta que o recurso ao **tráfego** de menores no território está a aumentar entre os membros do contingente policial da ONU (...).

Jornal de Notícias, 29/6/2003, p. 10, s. a..

Porque aos 44 anos, depois do sucesso obtido que a **alcançara** já até aos Oscars, «não poderia ficar por aí, simplesmente sentada, em silêncio».

Diário de Notícias, 6/7/2003, p. 14, ME.

Bastaria uma só vítima e os incêndios não seriam menos dramáticos do que indiscutivelmente já eram quando o número de mortos chegou a 12 (o tal **algarismo** «restrito» de que Guilherme Silva falava).

Expresso, 9/8/2003, p. 7, CF.

Sobre o facto de o juiz ter opinado ainda na fase de inquérito, o causídico entende «mais importante do que guardar silêncio é ter uma **parcialidade** e isenção absolutas».

Diário de Notícias, 29/12/2003, p. 17, CF.

Os olhos, brilhantes, deambulam pelo anfiteatro; o pescoço, ainda **pasmo**, pede mais um *travelling* circular; (...). Se o arquitecto não se exime ao espanto quando lá vai, ele que foi **desmistificando** o processo pedra após pedra, como não há-de deslumbrar-se o espectador comum?

Diário de Notícias, 30/12/2003, p. 24, MC.

Que era assim, quer ali quer em Antuérpia, para onde **imigrara** há 18 anos. Contudo, dizia ela, há dois anos **meteu o véu** e deixou de sair de casa.

Diário de Notícias, 26/12/2003, p. 11, MP.

Mas, **se a resposta for turva**, se se for o que se pode e não o que se quer ser, não é o fim do mundo nem a última oportunidade.

Jornal de Notícias, 22/6/2003, p. 3, s. a..

O duelo Narciso-Seabra tem contornos em muito semelhantes aos que separam, **no concelho vizinho do Porto**, Nuno Cardoso e Fernando Gomes.

Expresso, 31/5/2003, p. 3, RJP/NR.

3.2. REPETIÇÕES (PLEONÁSTICAS/TAUTOLÓGICAS):

Um incidente diplomático entre Portugal e Timor-Leste **está iminente nas próximas horas**

Expresso, 21/6/2003, p. 18, RJP.

De acordo com a AFP, militares americanos, **equipados com equipamento** electrónico ultra-moderno, estão envolvidos, desde sábado, em intensas operações na região de Tikrit (...).

Diário de Notícias, 23/6/2003, p. 3, JMF.

Na ocasião foi invocado o exemplo de António Preto, o representante do PSD naquele órgão, que renunciou em consequência do inquérito judicial de que está a ser alvo por ter recebido malas com vultosas **quantias em dinheiro**.¹¹

Expresso, 15/8/2003, últ. pág., s.a..

O PS iniciou ontem, em Évora, a Universidade de Verão, **uma iniciativa** para formação dos seus quadros políticos.

Diário de Notícias, 20/8/2003, p. 16, MHE.

São clínicos que, desde os anos 90, terão recebido verbas – cuja **totalidade não está totalmente apurada**, mas que se cifra na ordem das “centenas de milhares de contos” – para prescrever determinados medicamentos aos doentes.

Público, 21/8/2003, p. 22, JBA.

E, **exceptuando algumas raras exceções**, anda meia Europa à procura de fazer «aquele negócio».

Diário de Notícias, 26/12/2003, p. 23, PS.

No momento de crise que atravessamos, penso que **não faz sentido** dar à sociedade sinais que **vão no sentido** da facilidade. Que **apontam no sentido** da desresponsabilização. Por isso, movimentos como o da despenalização do aborto ou da droga **vão no sentido** errado. (...) Finalmente, é necessário **ter em conta** que uma coisa é a **lei** e outra a aplicação da **lei**. **A lei deve ter em conta** princípios; (...) (...) mas os juízes não têm obrigatoriamente de condenar as mulheres que abortam, porque **devem ter em conta** aquilo que as levou a fazê-lo.

Expresso, 27/12/2003, p. 5, JAS.

Outro acto de legalidade duvidosa são as **perícias** realizadas às testemunhas maiores de 16 anos pelos **peritos** do Instituto de Medicina Legal (IML).

Expresso, 27/3/2004, p. 7, AIA.

3.3. DUVIDOSOS CLICHÉS, EM QUE PONTIFICAM ‘LUFADA DE AR FRESCO’, ‘VER LUZ AO FUNDO DO TÚNEL’ E, MAIS RECENTEMENTE, ‘EM CIMA DA MESA’.

3.4. PLEBEÍSMOS/EXPRESSÕES POPULARES RECORRENTES:

Parte da esquerda começa a sentir-se **no fio da navalha**: não quer aparecer associada ao fundamentalismo islâmico mas também não gosta de estar ao lado das tropas americanas. (...) Não foi por acaso que certa esquerda **chorou lágrimas de crocodilo** pela morte de Sérgio Vieira de Melo: (...).

Expresso, 27/3/2004, p. 3, JAS.

O Governo, que parecia agora mais preocupado com a dimensão social das suas políticas, **assobiou para o ar** como se não fosse nada com ele. (...)

Expresso, 27/3/2004, p. 7, JAL.

(...) e o Estado não pode, sem custos políticos, **assobiar para o ar**.

Expresso, 27/3/2004, p. 9, AS.

Marques Mendes **deu o pontapé-de-saída**. (...)

Expresso, 27/3/2004, p. 9, AS.

CONCLUSÃO

A primeira ilação, de entre as várias possíveis, a retirar da compulsão do acervo de exemplos atrás coligidos e concatenados (ínfima parte da pletora que ao longo dos anos

temos vindo a recolher, em particular dos jornais ditos de referência), é a de se encontrar irrefragavelmente justificado o título desta comunicação, o qual, nada tendo de provocatório – e, muito menos, se pretendendo um libelo acusatório contra uma classe no todo –, antes se limita a assinalar uma deplorável realidade que, essa sim, urge combater/erradicar. E se outra razão não houvesse – para além da que, como estudiosos de longa data deste fenómeno, nos assiste para legitimar este imperativo –, bastaria invocar o exercício de um direito que, enquanto consumidores, não nos pode ser sonegado: denunciar os defeitos de que os bens que adquirimos são portadores. Há, no entanto, outros motivos igualmente ponderosos – que, concomitantemente, constituem outras inferências do exposto – tais como o facto de os exemplos aduzidos serem a apodixe de, ao arrepio de tudo o preconizado pelos seus grandes teorizadores, a linguagem usada por certos jornalistas continuar a não ser alvo do merecido cuidado (e respeito, sublinhe-se).

O que se demonstra facilmente revisitando os ‘clássicos’. Ao fazê-lo, de imediato reconhecemos constituir para todos eles preocupação maior o que se passa neste domínio, tantos são os alertas efectuados. Por isso, e sem a pretensão de sermos exaustivos, mas tão-só para corroborar o que acabamos de asseverar, registemos, algumas das mais abalizadas (e proficientes) opiniões. Discreteando acerca do estilo informativo, Dovifat (1959, p. 125) postula: “El lenguaje de la noticia requiere tres cosas: concisión, claridad y una construcción que capte la atención.”. Também Vivaldi (1973, pp. 29 ss), que refere dezasseis requisitos do bom estilo periodístico, dá particular ênfase à clareza: “La claridad es la condición primera de la prosa periodística. En el periódico se escribe – ha de escribirse – para que nos entienda todo el mundo: el docto y el menos docto, (...)”. Neale Copple (1973, p.87), por seu turno, considera que “la claridad es lo más importante en el estilo periodístico”. Martínez Albertos (1983, pp. 206-207), depois de apontar seis características peculiares da linguagem jornalística, dá primazia à correcção, concisão e clareza. E, por fim, também Luka Brajnovic (1991, p. 84) assevera: “En el caso del Periodismo su lenguaje debe ser claro, conciso y sencillo, lo que no quiere decir vulgar o estilísticamente descuidado (...)”.

Perante tão óbvia e inequívoca convergência de opiniões da ampla e proficiente plêiade de estudiosos citados – em que a clareza e a correcção emergem e se impõem como requisitos incontornáveis, condição *sine qua non* da inteligibilidade do texto (mas que, como demonstrámos, tanto escasseiam) – cremos por demais evidente ser de premente e ingente acuidade o imperativo de pôr termo a um certo laxismo que continua a grassar no discurso de determinadas franjas de jornalistas, porque, a persistir, o *statu quo* conduzirá, inapelavelmente, a uma situação como a que Cohen (1966, pp. 105-106) prevê quando, equacionando esta questão, assevera:

Cada qual é livre para dizer o que quer, mas sob a condição de ser compreendido por aqueles a quem se dirija. A linguagem é comunicação, e nada é comunicado se o discurso não é compreendido. Toda a mensagem deve ser inteligível.

postura corroborada por Richaudeau (1984, p. 7):

Poco importa cuanto podamos pensar o cuanto deseemos transmitir al ‘outro’ si el mensaje no ‘pasa’, si no es percibido por esse outro, o si le llega deformado, desnaturalizado. ¡ Y com cuanta frecuencia suele ocurrir tal cosa...!

que perfilhamos, e para a qual, sem falsas modéstias, também já havíamos alertado (2001, p. 101):

Condição primeira da prosa periodística, a **clareza** é, por isso, algo que impreterivelmente tem de marcar presença em todo e qualquer texto deste género, não de forma subseciva – e, muito menos, como acessório ou mero adorno – mas sim como uma exigência incontornável. Afirma-se, inclusive, que **um texto que não possua esta característica não é digno de aparecer num periódico, (...)**.

108 Razão pela qual, e mesmo tidas em consideração as limitações (de tempo e não só) em que um discurso como este é produzido, e que não raro poderão obstar à consecução de construções susceptíveis de cativarem o leitor, não poderíamos eximir-nos de fazer os reparos aqui expressos – não obstante sabermos (e disso estarmos cōncios) que os jornalistas não apreciam que os que não pertencem à profissão os questionem –, não porque isso nos dê qualquer ‘prazer’, mas porque nos preocupam as repercussões de tão imperdoável desleixo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Brajnovic, Luka. (1991). *El Ambito Científico de la Información*. 2ª ed., Pamplona, EUNSA.
- Cohen, Jean. (1966). *Structure du Langage Poétique*. Paris, Flammarion.
- Copple, Neale. (1973). *Un Nuevo Concepto del Periodismo*. México, Pax. (ed. espanhola)
- Diezhandino, María Pilar. (1994). *El Quehacer Informativo. El ‘arte de escribir’ un texto periodístico*. Bilbao, Servicio Editorial de la Universidad del País Vasco.
- Dijk, Teun A. van. (1990). *La Noticia como Discurso*. Barcelona, Ediciones Paidós.
- Dovifat, Emil. (1959). *Periodismo*. (I). México, UTEA.
- Dovifat, Emil. (1960). *Periodismo*. (II). México, UTEA.
- Lapa, M. Rodrigues. (1979). *Estilística da Língua Portuguesa*. 10ª ed., Coimbra, Coimbra Edit.
- Martínez albertos, José Luis. (1983). *Curso General de Redacción Periodística*. Barcelona, Editorial Mitre.
- Núñez ladevéze, Luis. (1991). *Manual para Periodismo*. Barcelona, Ariel Comunicacón.
- Núñez ladevéze, Luis. (1993). *Teoría Y Práctica de la Construcción del Texto*. Barcelona, Ariel Comunicacón.
- Pinto, Mário J. F. (2001). *O Avatar da Linguagem da Imprensa Hodierna e Seus Actores*. Porto, Edições UFP.
- Richaudeau, François. (1984). *Los Secretos de la Comunicación Eficaz*. Bilbao, Edic. Paidós.
- Vivaldi, G. Martín. (1973). *Géneros Periodísticos*. Madrid, Paraninfo.

[NOTAS DE FIM]

- ¹ Segundo o *Dicionário da Língua Portuguesa*, 7ª ed., Porto Editora, p. 1197: “meter, v. tr. pôr dentro; fazer entrar;”.
- ² *Id.*, p. 1144: “mal-grado: má vontade; desagrado”; (enquanto, *id.*, p. 1174: “mau-grado: apesar de”).
- ³ Na verdade, se ao pegar no seu periódico de eleição, o leitor deparar, na primeira página, diariamente e ao longo de uma semana, com o anúncio a um seguro “**MULTIRISCOS**”, qual a sua reacção? Crendo ter a grafia da palavra sofrido alteração adoptá-la-á por acreditar ser esta a vigente (e correcta)? Dúvida reforçada quando na revista que aos sábados acompanha o jornal em causa pode ainda encontrar (como há meses acontece, sem que ninguém se dê conta), no canto superior esquerdo das páginas respectivas, grafado em caixa alta, **FOTOREPORTAGEM**.
- ⁴ Essas, lamentavelmente demasiado frequentes, são de imediato identificáveis (redundando, não raro, em apontamentos de humor):
 “A imagem foi **capatada**, ontem, por um repórter da Reuters, no meio de milhares de homossexuais, masculinos e femininos, e **transsexuais**.” (*JN*, 29/6/2003, p. 45, s. a.)
 “Totalmente deslumbrados com a beleza do novo recinto Fialho Gouveia, Mário Zambujal, Henrique Viana, Rosa do Canto, Sofia **Acarício**, Sérgio Rosado, entre muitos outros (...)”. (*DN*, 9/8/2003, p. 30, IA.)
 “Foi com estas **palavras** que António Guterres, sorridente, cumprimentou os jornalistas que o **aguardam** à portas do restaurante, em Leiria, onde decorreu o **jantar que juntou, promovido por Mário Soares e que juntou** também Ferro Rodrigues e **Sosua** Franco. (*Jornal de Notícias*, 28/3/2004, p. 17, HS)
- ⁵ Que, como é consabido, se aglutina com o elemento seguinte, excepto quando este tem vida própria e começa por **h, i, r** ou **s**, casos em que se separa por hífen.
- ⁶ Liga-se por hífen ao elemento seguinte quando este começa por **h, i, r** ou **s**.
- ⁷ Liga-se por hífen ao elemento seguinte quando este tem vida própria e começa por **vogal, h, r** ou **s**.
- ⁸ A título meramente exemplificativo, eis uma escassa amostra do que diariamente podemos encontrar:
 O engenho da **georeferenciação** (*Expresso*, 31/5/2003, Emprego, p. 3, PMR.)
 Rui Rio prepara-se para retirar o pelouro da Cultura a Marcelo Mendes Pinto, caso o vereador não se **retrate** das declarações de apoio a Pedro Burmester efectuadas na tarde de ontem. (*Expresso*, 21/6/2003, p. 19, VC.)
 Estas duas avenidas servem de entrada e saída na cidade, tanto para aqueles que **vêm** da auto-estrada do Porto (A3) como para quem sai para Norte, no sentido de Vila Verde ou Barcelos. (*Diário de Notícias*, 13/8/2003, p. 20, PA.)
 (...) e lançou em tom de desabafo: «Os milhares de portugueses que aqui estão **concerteza** que não caberiam num estádio de futebol!» (*Diário de Notícias*, 16/8/2003, p. 24, CL.)
 De então para cá a EPC tem sido um dos palcos **previligiados** para a comemoração da revolução dos cravos. (*PÚBLICO*, 21/8/2003, p. 8, HP.)
 A questão salarial revela também a forma como o País ainda **discrimina** as mulheres. (*Diário de Notícias*, 21/12/2003, p. 20, CN.)
 A operação policial teve início em Janeiro, depois de um homicídio cometido com uma caçadeira de **canos cerrados** em Vila Verde, em Janeiro deste ano. (...) (*Diário de Notícias*, 27/3/2004, p. 22, HR.)
 O Tribunal de Ponta Delgada alterou a medida de **coação** de dois dos nove suspeitos detidos preventivamente (...). (*Expresso*, 27/3/2004, p. 4, MGS/MC.)
- ⁹ Só poderia usar uma destas expressões e não combinadas: “**a** escassas semanas do maior acontecimento” ou “escassas semanas **antes do** maior acontecimento”.
- ¹⁰ Falta, como é óbvio, ‘o’: “**o** que retira margem”.
- ¹¹ Segundo o *Dicionário da Língua Portuguesa*, Porto Editora, 7ª ed., 1996, p. 1486: “**quantia**, s. f. porção de dinheiro;”.